

## "NATUR UND GEIST": A ESCOLA DE BADEN COMO "TEORIA COMPLEMENTAR DO POSITIVISMO"

*"Natur und Geist": The Baden school as "complementary theory of positivism".*

Mario Ariel González Porta  
PUCSP

**Resumo:** Nas linhas que seguem procuramos dar uma visão de conjunto de um tema chave na filosofia alemã da segunda década do século XX, a saber, a relação entre natureza (*Natur*) e espírito (*Geist*). Com tal objetivo, nos focamos no que constitui o seu verdadeiro epicentro, a saber, a escola neokantiana de Baden, para pôr em evidencia as suas discussões internas e os vínculos com seu entorno imediato. Deste modo, outros desenvolvimentos, bem mais conhecidos, são adequadamente contextualizados.

**Palavras chaves:** Natureza, espírito, escola de Baden, neokantianismo

**Abstract:** In the following lines we seek to present an overview of a key theme in German philosophy of the second date of the twentieth century, namely: the relationship between nature (*Natur*) and Mind/spirit (*Geist*). To that end, we focus on what constitutes its true epicenter, that is, the Neo-Kantian school of Baden, in order to evidence its internal discussion and the link with its immediate surrounding. In this way other developments much more known are adequately contextualized.

**Keywords:** Nature, Mind, Baden School, neokantism

### Introdução

Numa obra monumental, lamentavelmente pouco lida hoje<sup>1</sup>, Max Wundt defendeu a tese de que a conciliação da visão mecânica do universo com a visão finalista clássica é uma constante do iluminismo alemão de Leibniz a Kant e que as mudanças acontecidas no caminho do pensamento crítico dizem respeito a fundamentação metodológica deste projeto, não do seu sentido essencial. Se

---

<sup>1</sup> "Kant als Metaphysiker"

tomamos a observação de Wundt com a suficiente amplitude, podemos nos aproximar a uma caracterização geral do que tem sido, no seu conjunto, a filosofia alemã a partir da modernidade. Chame-se filosofia transcendental, idealismo subjetivo, objetivo ou absoluto, realismo lógico, platonismo ou neokantianismo, naquilo que tem de mais típico e próprio, a filosofia alemã tem sido uma cruzada constante contra o naturalismo ou, em outra formulação, contra o absolutismo do conceito de natureza da modernidade.

A partir do século XIX, o tema da natureza tem como um de seus núcleos essenciais o referente à relação entre ela e o espírito; nesta forma, e precisamente sob este *motto* ("*Natur und Geist*"), ele eclode na segunda década do século XX. Nas linhas que seguiremos analisar com certo detalhe um capítulo dessa polêmica e delinear o horizonte mais abrangente em que o mesmo se insere e que, de uma forma ou outra, tem a escola de Baden como ponto de referência.

### **O estabelecimento do dualismo nos primórdios da escola de Baden: Windelband e Rickert**

Ainda que Windelband não tenha deixado um pensamento sistemático desenvolvido, a ele corresponde o mérito de ter estabelecido o programa da filosofia do valor (*Wertphilosophie*) e, assim, fundado a chamada escola de Baden do neokantianismo. Ora, na determinação windelbaniana da tarefa da filosofia se pode ver com clareza a difícil situação em que se encontra esta disciplina na segunda metade do século XIX. O rápido e exitoso desenvolvimento das ciências da natureza colocaram em questão a legitimidade de algo assim como um saber não-científico. Se a ciência tem por objeto a totalidade do real, o que resta para a filosofia? A resposta de Windelband vai na direção de desvincular filosofia e realidade, estabelecendo uma esfera puramente ideal, o reino do valor, como objeto específico do saber filosófico. Os valores, porém, jamais são dados em si ou acedidos imediatamente, mas apenas por meio da sua realização num meio material. Mas se a filosofia dispõe de um objeto próprio, carece, não obstante, de um material específico (P, I, p. 34, 26, 29; P, II, 131).

Todavia, se o programa da escola de Baden punha a salvo a existência da filosofia, não obstante, trazia consigo o radical dualismo de realidade e valor como a sua pressuposição. Windelband era plenamente consciente desta dificuldade e, desde o começo, intenta superá-la. Por tal razão, o problema da liberdade (ou da relação entre a norma e a lei natural) ocupará um lugar de destaque no seu pensamento (P, II, p. 82, 86-87, 97). Contudo, neste ponto, Windelband não vai além de manifestar boas intenções, limitando-se a postular que não há nenhuma impossibilidade de princípio no fato de que a legalidade da natureza atue como meio de realização do valor. Em última instância, pois, a solução windelbandiana da tensão entre natureza e finalidade não passava de uma nova variante da tese da harmonia pré-estabelecida.

Se em Windelband estavam presentes com igual ênfase a distinção entre realidade e valor, por um lado, e a busca de uma mediação positiva entre ambos, por outro, no desenvolvimento histórico da escola o primeiro elemento tenderá a predominar unilateralmente. Um papel decisivo nisso foi desempenhado por Rickert com sua insistência na tese do absoluto não-valor e não-sentido do real enquanto tal (*Sinn- und Wertfreiheit des Wirklichen*) que haverá de experimentar uma última radicalização no começo dos anos 20' no marco da explícita identificação da *Ratio* com o "princípio heterotético" (*heterothetisches Prinzip*). A unidade de valor e realidade, ensina Rickert, deixa-se vivenciar, mas não propriamente compreender (GE, 295). A filosofia se encontra aqui frente a um último abismo que pode e deve constatar, mas não consegue superar. Este abismo expressa, em última instância, a natureza intrínseca da razão que torna impossível o pensamento de unidades absolutas ou objetos totalmente simples (Syst., p. 50 ss.). O pensar a respeito de algo exige sempre o pensar do outro; um certo dualismo é inerente à própria racionalidade.

### **A crítica de Kroner a Rickert: "História e filosofia" (1923-1924)**

Segundo a concepção rickertiana, escreve Kroner, ciências naturais e história devem surgir da transformação (*Umformung*) de uma e mesma realidade que, em si, é neutra em relação ao histórico e ao natural. Porém, o monismo ontológico de Rickert

não é conciliável com seu dualismo metodológico. Já que o próprio do “método histórico” é a formação de conceitos segundo pontos de vista axiológicos, dever-se-ia supor que o valor recém entra em contato com a realidade a partir do tratamento metodológico característico das ciências históricas. Kroner deseja evitar esta consequência e, para isto, toma um outro ponto de partida que Rickert: o objeto da ciência natural e da história é diferente. Existe propriamente um objeto histórico e não tão só um ponto de vista histórico de consideração do objeto. Os objetos da história não se encontram referidos a valores pelo método da ciência histórica, todavia eles são, em si mesmos e de um ponto de vista pré-científico, possuidores de valor. O sentido não adere (*haftet*) a um algo real que é em si neutro, mas possui uma forma própria de realidade que poderia ser designada como realidade preenchida de sentido (*Sinnwirklichkeit*) (GPh, p. 126). A realidade de uma pintura, por exemplo, não pode ser separada do sentido que está incorporado nela. Propriamente, uma pintura não possui nenhuma realidade física, mas só uma realidade preenchida de valor (*werthafte Wirklichkeit*). Ainda que eu também possa conceber uma pintura como um pedaço de tela colorida, este troço de tela colorida não é propriamente a pintura da qual nos fala a história da arte. O troço da tela não vira irreal quando ele é cortado em troços; porém, a pintura certamente deixa de existir quando ela é destruída como obra (*Sinngebilde*).

### **A resposta de Bauch: “Logos y Psyché” (1926)**

“Verdade, valor e realidade”, a obra principal de Bauch publicada em 1923, movia-se no marco da distinção rickertiana entre sentido irreal e realidade livre de valor (WWW, p. 14-15). Tomando como exemplo a obra de arte, Bauch defendia neste escrito a tese de que esta não possui efetividade alguma, devendo ser entendida como “irreal”. O “Fausto” de Goethe, por exemplo, é algo diferente dos seus exemplares impressos, os quais sem dúvida são algo real que consiste em um certo material, possui uma certa forma sensível, etc. A obra de arte “Fausto”, pelo contrário, é única,

não tem exemplares, e não consiste nem de um certo material, nem de uma certa forma sensível. Ela é, tão só, um sentido.

Do dito resulta que, ainda que a crítica de Kroner se dirigia originariamente contra Rickert, também Bauch era atingido pela mesma. Por tal razão, em "Logos e Psyché" Bauch se coloca a tarefa de defender a tese rickertiana da não-realidade do valor contra os ataques de Kroner. Kroner, escreve Bauch, fundamenta a sua tese num exemplo tomado das artes plásticas. Contudo, se aplicamos a argumentação de Kroner a outras esferas da arte como, por exemplo, a literatura, então se deveria seguir que a destruição de todos seus exemplares significaria a destruição do "Fausto" de Goethe. Mas não poderia, talvez, acontecer que esta obra fosse conservada por uma memória absolutamente fiel a partir da qual pudesse ser ulteriormente reescrita e feita novamente acessível ao público? Sem dúvida, deve-se responder afirmativamente a esta pergunta, ensina Bauch, e isto é decisivo, pois significa que a realidade da obra de arte não se encontra nos materiais que lhe dão sustento, mais como já deixa presumir o apelo a uma memória prodigiosa, na *Psyché* (LP, p. 186). Toda obra de arte pressupõe de uma ou outra forma um certo material. Porém, ela não pode sem mais ser identificada com este, pois contém em relação ao mesmo um *plus* que é o que propriamente a constitui. Este *plus* não é outra coisa que um sentido. Não existe nenhuma realidade preenchida de sentido *à la* Kroner. O sentido enquanto tal jamais é real; o que é real é o vínculo deste sentido a uma obra. Justamente por isto, e só por isto, existem na realidade obras (*wirkliche Sinngebilde*). O sentido que é em si mesmo irreal ganha realidade, ainda que não propriamente na obra, na *Psyché*, entanto esta se refere efetivamente ao *Logos* (LP, p. 188-189).

### **As objeções de Kroner à solução de Bauch: "Vida cultural e vida anímica" (1927)**

Em "Vida cultural e vida anímica" Kroner responde às objeções de Bauch. O problema de realidade do sentido escreve Kroner, é o problema da cultura em geral (KS, p. 37). Caso aceitemos a tese de Bauch, a realidade cultural enquanto tal desaparece e, com ela, a autonomia das ciências da cultura. Certamente, Bauch tem

ampliado conscientemente o próprio conceito de psicologia e já não defende mais a tese, que era cara à escola de Baden nos seus primórdios, de que a psicologia é uma ciência natural. Porém, ainda que o conceito de psicologia seja modificado, de modo algum se pode considerar a cultura como tema da mesma. A cultura existe de modo objetivo, independentemente de qualquer vida psíquica, ainda que essa a sua objetividade não possa ser confundida com a de um algo puramente sensível. Ciências da cultura e psicologia se diferenciam enquanto uma estuda as estruturas objetivas de sentido, a outra, a sua vivência (KS, p. 37). Certamente, existe uma relação entre a psicologia e as ciências da cultura. Todavia, a relação entre as ciências da cultura e a história é muito mais estreita, já que a história é o âmbito no qual se realiza o sentido universal. A realidade do valor não é outra coisa que o processo da vida histórica (KS, p. 37. Cfe. GPh, p. 129ss.). A realidade deste processo não é a realidade de uma vida psíquica que, sendo em si em princípio livre de todo sentido e todo valor, recebe em si a ambos, mas a realidade do espírito objetivo (*des objektiven Geistes*) (KS, p. 42-43). A realidade do sentido deve ser entendida como "objetivação". Esta objetivação é num primeiro momento uma realização da alma e, como tal, não pensável sem esta. Porém, o sentido que se objetiva na obra devém independente da alma e, justamente por isto, capaz de agir retrospectivamente sobre ela. Dado que "real" (*wirklich*) é tudo aquilo que pode ser produzido ou pode produzir efeitos (*wirken*), que a cultura seja objetiva, isto é, real, significa que ela se tem feito independente do homem, de modo tal, que é capaz de re-atuar sobre ele. Este fenômeno do re-atuar permanece absolutamente incompreensível na teoria de Bauch (KS, p. 35).

A razão última pela qual Bauch não pode aceitar a realidade do sentido é que procura manter a distinção rickertiana básica entre o sentido-valor irreal e a realidade puramente física da obra (KS, p. 38). Mas isto implica que Bauch simplesmente pressupõe que exista algo assim como uma realidade absolutamente desprovida de todo valor e sentido e de princípio alheia aos mesmos. Essa tese, contudo, carece em absoluto de fundamento. O objeto inteiramente livre de todo sentido e valor, o "mero" objeto físico, não é outra coisa que uma construção teórica própria da

ciência da natureza. A diferença entre o objeto da ciência natural e o objeto da ciência da cultura não é a diferença entre um algo livre de todo sentido e valor e um algo portador de um sentido e um valor (KS, p. 39).

A pretensa solução de Bauch se apoia numa exigência contraditória: dado que a realidade deve ser livre de todo sentido e valor, a relação entre ela e o valor necessita ser mediada pela *Psyché*. Porém, deve-se perguntar porque o abismo entre sentido e realidade, que pode ser superado na vida psíquica, que também é real, não pode ser superado na obra (*Sinngebilde*) (KS, p. 36).

### **Consideração sistemática da polêmica Kroner - Bauch**

Uma análise da polêmica entre Bauch e Kroner deve partir da constatação de que nenhum deles têm absoluta clareza sobre o fato de que seu opositor possui um outro interesse principal diferente do seu próprio. Kroner deseja mostrar que a filosofia do valor, que se propôs como uma de suas tarefas principais a fundamentação epistemológica da ciência da cultura, na forma que Rickert lhe tem dado, contém pressuposições e princípios que se encontram em contradição como a realização da mesma. A sua crítica reza: a separação absoluta de valor e realidade ameaça a especificidade da ciência da cultura. Dado o anterior, ele trata de negar a tese rickertiana pelas suas consequências. Na polêmica com Bauch, Kroner aprofunda a sua reflexão e se pergunta não só que consequências possui a separação valor-realidade, mas também de onde ela provém. Pela sua parte, em "Logos e Psyché", Bauch parece não estar particularmente interessado no problema da especificidade epistemológica das ciências da cultura. Sobre este ponto não diz uma palavra e poderia se dizer que ele não só não defende eficientemente a Rickert, mas que dá armas ao inimigo. Com justiça Kroner pode se sentir confirmado na sua suspeita e chamar a atenção sobre o fato de que a posição de Bauch implica em última instância uma redução das ciências da cultura à psicologia. A aparente debilidade da posição de Bauch, porém, não deve ser entendida como um signo de ligeireza, mas como um signo que ele tem pela frente um problema mais geral que Kroner em "História e Filosofia". Ele não está interessado,

---

como Kroner, na existência objetiva das estruturas culturais, mas sim com a questão da atualidade do valor na vida humana.

No começo de seu artigo "Logos e Psyqué", Bauch efetua uma precisão do problema que está sendo discutido. Kroner e Rickert se encontram de acordo num ponto, a saber, se deve distinguir entre o material real e o sentido irreal. A diferença entre ambos radica, não obstante, em si além do material e do sentido, deve-se reconhecer um modo de realidade específica do sentido, uma "*Sinnwirklichkeit*". Esta formulação de Bauch de seu propósito fundamental é todo o precisa que se poderia desejar, não obstante, seria muito fácil a interpretar erroneamente. Na separação rickertiana absoluta entre valor e realidade atuam três motivos diversos. Trata-se, em primeiro lugar, de uma expressão concreta do princípio heterotético rickertiano; em segundo lugar, de uma consequência da tese da irrealidade do valor e, em terceiro lugar, do cumprimento de uma exigência requerida para a delimitação da ciência natural da ciência cultural. Não se pode agora entender a tomada de posição de Bauch com respeito ao princípio do não-sentido do real enquanto tal, quando não se diferencia com clareza esses três motivos, pois somente por meio de tal diferenciação fica claro, o que Bauch propriamente retoma de Rickert e o que abandona.

Com relação ao segundo motivo, deve-se observar de que na origem da filosofia do valor existe, em última instancia, uma questão de visão de mundo. O assegurar do sentido da vida humana frente aos ataques do relativismo e niilismo se encontram no centro da atenção da escola de Baden e assumem nela a forma concreta de uma insistência num reino de valores universalmente válidos. Intimamente vinculado com o anterior, e como sua contraparte negativa, estabelece-se a tese da irrealidade do valor enquanto tal. Os filósofos do valor estavam convencidos que não se podia colocar em questão a irrealidade do valor sem colocar ao mesmo tempo em questão sua validade universal. Mas, para eles não era menos claro que a postulação de um reino de valores objetivos e universais não era o fim último da sua reflexão. Valores que existem objetivamente, mas que, qual Deuses de Epicuro, habitam um mundo absolutamente transcendente sem nenhum contato intrínseco com a vida



humana, não eram em modo algum o que lhes interessava. Tais valores condenariam a vida humana à falta absoluta de sentido; porém é justamente a salvação de tal sentido o que constituía o centro das atenções. Ora, além de todas as dificuldades que ela cria no plano teórico-epistemológico, a doutrina rickertana continha um verdadeiro estranhamento dos valores com respeito à vida humana. É essa perigosa separação que Bauch se propunha superar em "Logos e Psique". Ele deseja conservar a tese rickertiana de que os valores são irrealis por ser ela essencial a fundação da sua objetividade, mas justamente por isso ele não está de modo algum interessado em colocar valor e realidade numa relação puramente extrínseca.

A polêmica entre Bauch e Kroner já estava viciada pela própria formulação do problema por parte de Kroner em "História e filosofia" enquanto duas doutrinas diferenciáveis de Rickert, que propriamente deveriam ter sido claramente distinguidas, são superpostas: a primeira se refere ao valor enquanto tal, a segunda ao sentido subjetivo (*subjektiver Sinn*). Como Bauch retoma os términos de discussão de Kroner sem os reformular, obscurece com isto a sua posição. No que diz respeito ao valor enquanto tal Bauch é plenamente consciente de que a negação do princípio da irrealidade compromete, em última instância, a validez universal do valor. Contudo, ele crê poder efetuar uma revisão da teoria rickertiana do sentido subjetivo que se conduz além desta. Aqui não só era possível, mas inclusive, necessário, não seguir a Rickert, porém, tampouco a Kroner.

Kroner não tem clareza sobre o que Bauch deseja propriamente provar e crê erroneamente que a diferença entre ambos se encontra em quê, ainda que Bauch nega de princípio o conceito de realidade do sentido que ele propõe (e, por isso, a sua crítica a uma concepção presumidamente positivista da realidade), ele lhe atribui simplesmente um outro lugar, a saber, não na estrutura objetivada da obra, mas na *Psyché*. Por tal razão, a sua crítica a uma presumivelmente injustificada privilegiada posição da *Psyché*. Porém, nenhuma das duas coisas estão corretas. Bauch não deseja nem afirmar o conceito de realidade do sentido, nem negar de princípio o mesmo, mas

o modificar, de forma tal que seja conciliável com a mencionada exigência da irrealidade do valor.

Quando Bauch na formulação de seus propósitos oferece motivos para mal-entendidos, e, por tal razão, produz a impressão de que ele só deseja defender a tese rickertiana da separação absoluta entre valor e realidade, essa se desvanece se prestamos atenção a sua distinção entre ausência de sentido (*Sinnfremdheit*), condicionamento de sentido (*Sinnbedingtheit*), estranheza de sentido (*Sinnfremdheit*) e preenchimento de sentido (*Sinnerfüllung*), a qual constitui o núcleo da sua solução ao problema da possibilidade de realização do valor em geral. A realização do valor exige segundo Bauch três condições.

a. Irrealidade do valor ou ausência de sentido do real enquanto tal

A realidade não é já em si mesma realidade do valor, ou seja, não é em si mesma um valor e deve ser rigorosamente diferenciada de todo valor. Neste sentido pode-se com direito falar de uma irrealidade do valor. Porém, a realidade enquanto tal tampouco se encontra de princípio em oposição a toda possibilidade de realização do valor, já que, muito pelo contrário, ela é uma condição positiva necessária da mesma. A realidade deve ser o outro com respeito ao valor justamente para que realização do valor seja possível, mas justamente o-seu-outro, não uma negação positiva.

b. Condicionalidade do real pelo sentido

Na introdução deste conceito de referencialidade do sentido, isto é, na negação da interpretação rickertiana (ou seja, heterotética) da não realidade do valor, encontra-se a essencial diferença entre ambas as posições. A possibilidade da realização do valor é qualquer outra coisa que óbvia. Como é possível que valores se "realizem", venham a ser reais? Se se parte de uma absoluta separação, de uma absoluta indiferença do *Logos* com respeito à realidade, então só se poderá produzir um vínculo puramente externo entre ambos que nunca dará conta de uma autêntica unidade. Em consequência, já na realidade enquanto tal deve existir uma relação, um "apontamento" ao *Logos* (LP, p. 182, 189). Dessa relação só pode dar conta uma filosofia transcendental para a qual, a realidade contém em si uma relação ao *Logos*

como parte inerente ao seu próprio modo de existência. A realidade é livre de sentido, mas não é estranha ao sentido, pois é constituída por ele (LP, p. 182, 189).

c. Realidade do sentido

No entanto, o ser condicionado por um sentido de todo o real, só contém uma condição necessária, mas não suficiente da realização do valor e é aqui onde surge uma diferença fundamental entre a *Psyché* e o reino do que é meramente objeto. Se era suficiente para provar a condicionalidade de todo o real pelo sentido, apontar ao fato de que o *Logos* é fundamento da realidade, agora devemos dar um passo ulterior e dizer que para realidade do sentido é também necessário de que o *Logos* venha a ser *telos*. Isto, porém, só pode acontecer na *Psyché*, pois ela é o único real que pode por si mesmo se referir a um fim (LP, p. 189).

Em "Logos e Psiqué" Bauch efetivamente responde à pergunta que ele coloca. Mas se deve determinar corretamente qual questão é esta. A pergunta reza: como pode existir algo assim como realização do valor quando o valor como tal jamais pode ser real? A resposta reza: ele pode existir unicamente na configuração do real segundo o valor, ou seja, numa relação de estar orientado a... Quando se fixa corretamente o que Bauch entende por "realidade do sentido" (*Sinnwirklichkeit*), ou seja, orientação efetiva de algo real a um valor, então resulta coerente que ele só possa achar esta na *Psyqué* (LP, p. 189).

### **A filosofia do valor como mera teoria complementar do positivismo.**

As críticas que Kroner dirige a Rickert e Bauch podem se encontrar nestes anos também em muitos outros autores. Sobretudo, a sua observação de que a profunda separação entre valor e realidade se funda, em última instância, na identificação positivista da realidade com a natureza da ciência natural. Em seu artigo "O sistema de Rickert" (1923), Spranger observa criticamente contra o líder da escola, que a realidade não é algo livre de todo sentido e valor, não é aquele algo meramente registrável no espaço e tempo abstratos da matemática, mas é algo em si portador de um sentido determinado, ainda que de um sentido determinado numa direção

unilateralmente teórica (RS, p. 189). A mesma crítica dirige Spranger a Bauch alguns anos depois (1926) quando observa, contra "Logos e Psyque", que esta obra depende totalmente da aceitação do axioma rickertiano de que toda realidade física é primeira e originariamente realidade absolutamente alheia a todo sentido. Porém, tal concepção de realidade não significa outra coisa que a projeção coisificante do que é puramente um ponto de vista metódico. A realidade puramente física é produto de uma abstração metódica conscientemente unilateral que aparece muito tardiamente na história (EPs, p. 16).

Dado que a tese da origem positivista da doutrina da escola Baden acerca da neutralidade absoluta do real de todo sentido e valor aparece em Kroner e Spranger discutida só *en passant* e por referência a textos pontuais de Rickert e Bauch, ela é colocada por Lotz e Jaensch no centro da atenção e entendida como prova irrefutável da necessidade de uma superação de princípio da filosofia do valor. Na sua obra "Ser e valor" (1923), Lotz investiga a origem histórica e o desenvolvimento da separação entre realidade e valor e chega à conclusão que ela é a consequência absolutamente necessária de toda filosofia que toma Kant como ponto de partida, já que este não só assume o conceito metódico de natureza newtoniana, mais o submete a uma "virada ontológica" (WS, p. 567-571).

De sua parte Jäensch vê a origem da absoluta separação entre valor e realidade no compromisso ao qual se creia obrigada a filosofia da segunda metade do século XIX para assegurar a sua própria sobrevivência (WW, p. 70). Ainda que correspondeu à filosofia do valor o mérito de ter oferecido uma alternativa filosófica ao positivismo, isto aconteceu unicamente ao preço de conceder o conceito positivista de realidade como o único válido. Em consequência, a filosofia do valor não pode ser vista como uma autêntica superação do positivismo, mas tão só como uma teoria complementar dele. O cumprimento definitivo da tarefa histórica da filosofia do valor exige fazer esta consequente em sua luta contra o positivismo mediante a elaboração de um novo conceito de realidade que não exclui o de sentido e valor.

A exigência de uma superação do abismo entre valor e realidade é tão forte nos anos vinte que até os mais fiéis discípulos de Rickert e Bauch terminam fazendo eco da mesma. A realidade, escreve Bommersheim, é em si mesma um valor. Caso ela não o fosse, ou ela seria algo oposto ao valor, ou indiferente ao mesmo. Se no primeiro, toda realização do valor nela deveria ser entendida como rebaixamento ou queda de algo superior em algo inferior, no segundo, perde sentido a própria ideia de realização de valor, pois ela só faz sentido se, de alguma forma, o ser-real é um valor (WW, p. 183-184).

### **Husserl, Heidegger, Cassirer**

A discussão sobre as relações entre realidade e valor e, correlativamente, a revisão crítica do conceito positivista de natureza, ainda que tenha seu ponto de concentração na escola de Baden e seu entorno, transcende a mesma e vira centro de interesse em outras correntes, desde a nova ontologia até a fenomenologia, reverberando ainda nas décadas posteriores<sup>2</sup>. Certamente completar em tal direção nossa exposição resultaria impossível. Mas se permanecemos na década dos vinte, ainda três autores merecem ao menos ser lembrados de um modo especial.

Já no marco de "Ideen II", Husserl manifesta interesse pelo conceito de natureza no contexto da teoria constitutiva. Será não obstante nas preleções de 1925 e 1927 quando o tema vire central e, não por casualidade, assuma a forma de uma discussão explícita com Rickert. O ponto básico é que as relações entre valor e realidade só podem ser satisfatoriamente abordadas quando, escapando a tentações imediatistas de projetos ontológicos mais ou menos ingênuos, efetuamos uma revisão radical do conceito de experiência no marco de um conseqüente projeto fenomenológico. A questão é buscar as raízes da distinção metódico-epistemológica no próprio mundo da vida (*Lebenswelt*) (PsPh, p. 55).

Em direção similar, ainda que certamente com importantes variações, apontam Heidegger e Cassirer. O primeiro polemiza expressamente com Windelband e Rickert

---

<sup>2</sup> Rintelen, Litt, Stoyer, Bayer, René Le Senne, Lavelle, etc.

denunciando à pressuposição da atitude teórica como autêntico núcleo motivador de toda sua distinção entre ciência da natureza e ciência da cultura. Mas é justamente tal atitude teórica a responsável pela des-vivificação (*Entlebnis*) que des-historiza (*entgeschichtlich*) e des-significa (*ent-deutet*) a experiência autenticamente originária do mundo. Do que se trata, pois, é de superar a atitude teórica, objetivante, para abrir uma esfera de experiência, o mundar (*welten*), onde se recupera a autêntica vida (BPh, p. 59 e 93-94).

Cassirer, por sua vez, introduz em sua "Filosofia das formas simbólicas" (1929) a ideia decisiva de "pregnância simbólica", isto é, a tese de que a experiência mais elementar jamais é um dado sensível "puro", desprovido de toda significação e sentido, mais sim uma estrutura intrinsecamente articulada dos dois momentos (PhSF, III, p. 235). Sobre esta base desenvolve a sua ordenação semiótica dos modos de experiência em expressão (*Ausdruck*), representação (*Darstellung*) e significação pura (*reine Bedeutung*) que estabelece o marco geral de referência de seu sistema de formas simbólicas. O potencial destas ideias para um confronto radical com o monismo metodológico do positivismo na sua versão fisicalista carnapiana será desenvolvida por extenso na obra "A lógica das ciências da cultura" (1942). A tese principal da mesma reza, que a distinção entre ciências da natureza e ciências da cultura repousa, em última instancia, não no conceito, mas na percepção, sendo que o modo de percepção básico e originário é a experiência expressiva (*Ausdruck*), da qual, e só sobre a base de uma unilateral abstração regida por um interesse pragmático, constrói-se o conceito da coisa física (*Ding*).

## Conclusão

Nas linhas que antecedem oferecemos uma visão de conjunto do problema referente a relação entre natureza e espírito na filosofia alemã do século XX. Com tal objetivo, nos focamos no que constitui o seu verdadeiro epicentro, a saber, a escola neokantiana de Baden, pondo em evidência as suas discussões internas e os vínculos com seu entorno imediato. A tales efeitos partimos de sublinhar o dualismo de ser e

valor presente na própria formulação do programa da escola de Baden por parte de Windelband e Rickert, para considerar as críticas efetuadas ao mesmo por Kroner, a polémica desatada com Bauch a partir das mesmas e as reações de Spranger, Lotz e Jänsch. O núcleo central de tal polémica se concentra na pergunta de si o próprio programa da filosofia do valor não implica um compromisso com o positivismo, ao se construir sobre a base da aceitação irrestrita do seu conceito (científico-natural) de realidade. Dada esta suposição, o caminho adotado por Bauch de insistir na condicionalidade transcendental do real, aparece como consequente e oportuno. A partir da análise da polémica que se desenvolve em torno a escola de Baden, outras abordagens do tema, ainda presentes na consciência filosófica contemporânea, como aquelas de Husserl, Heidegger e Cassirer, podem ser adequadamente contextualizadas.

### Referências

- BAUCH, Bruno. Logos und Psyche. *Logos*, XIV, 1926 p. 173-193 (LP).  
\_\_\_\_\_. *Natur und Geist. Nachlass Bauch*. Hönigswald Archiv. Philosophisches Seminar der Universität Bonn (NGN).  
\_\_\_\_\_. *Natur und Geist. Zeitschrift deutsche Philosophie*, IV, 1938, p. 269-287 (NG).  
\_\_\_\_\_. *Wahrheit, Wert und Wirklichkeit*. Leipzig, 1923 (WWW).  
BOMMERSHEIM, Paul. Von der Wertmacht über die Natur. *Blätter deutsche Philosophie*, II, 1929-1930, p. 181-187 (WN).  
CASSIRER, Ernst. *Philosophie der Symbolischen Formen*. III Band: Phänomenologie der Erkenntnis. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 9a. Aufl. 1990. (1a. Aufl. 1929). (PhSF).  
\_\_\_\_\_. *Zur Logik der Kulturwissenschaften*. Fünf Studien. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1961. 2a. Aufl. (1 Aufl. 1942) (LK).  
HEIDEGGER, Martin. *Heinrich*. Briefe 1912-1933 und andere Dokumente. Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2002.  
\_\_\_\_\_. *Zur Bestimmung der Philosophie*. Gesamtausgabe, Band 56/57 Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1987 (BPh).

HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Zweites Buch. Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution. Husserliana IV. Hrsg. Marly Biemel. Den Haag / Dordrecht / Boston /Lancaster,1991.

\_\_\_\_\_. *Natur und Geist*. Vorlesungen Sommersemester 1927. *Husserliana XXXII*. Hrsg. von Michael Weiler. Den Haag / Dordrecht / Boston /Lancaster, 2001.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologische Psychologie*. Vorlesungen Sommersemester 1925. Husserliana IX. Hrsg. Dieter Lohmar. Den Haag / Dordrecht / Boston /Lancaster, 1968 (PhPs).

JAENSCH, Erich. *Grundlegung der Wertlehre als Wirklichkeitswissenschaft*. Ag. PS, 77, 1920, p. 609-648 (GW).

KRONER, Richard. *Anschauen und Denken*. Kritische Bemerkungen zu Rickerts heterothetischem Denkprinzip. *Logos*, XIII, 1924, p. 90-127 (AD).

\_\_\_\_\_. *Geschichte und Philosophie*. *Logos*, XII, 1923-1924, p. 123-144 (GPh).

LOTZ, Johannes B. *Sein und Wert*. Das Grundproblem der Wertphilosophie. *Zeitschrift für Katholische Theologie*, 57, 1933, p. 557-613 (GW).

LOTZE, Hermann. *System der Philosophie*. Bd. I: Logik. Leipzig, 1912.

RICKERT, Heinrich. *Der Gegenstand der Erkenntnis*. 6. Verb. Aufl., Tübingen 1926. 1928 (1te. Auflag, 1892) (GE).

\_\_\_\_\_. *System der Philosophie 1*. Bd. Allgemeine Grundlegung der Philosophie. Tübingen, 1921.

SOMMERHÄUSER, Hans Peter. *Emil Lask in der Auseinandersetzung mit Heinrich Rickert*. Diss. Berlin, 1965.

SPRANGER, Eduard. *Die Frage nach der Einheit der Psychologie*. 1a. Aufl. 1926-. 2. Völlig umgearbeitet Aufl. en Gesammelte Schriften. H. von Böhr und Bollnow. Tübingen / Heidelberg, p. 1-36, 1969 (EPs).

\_\_\_\_\_. *Rickerts System*. *Logos*, XII, 1923-1924, p. 183-198 (RS).

WINDELBAND, Wilhelm. *Die Lehre vom Zufall*. Diss. Berlin, 1870.

\_\_\_\_\_. *Präludien. Aufsätze und Reden zur Philosophie und ihrer Geschichte*. 2 Bde. Tübingen, 1884. 9te. Aufl. 1924.



---

\_\_\_\_\_. *Über Willensfreiheit*. Zwölf Vorlesungen. Heidelberg, 1904. 2. Aufl. 1904. 4 Aufl. 1923.

WU, Roberto. Heidegger e o neokantismo de Windelband e Rickert. *Revista Estudos filosóficos*, n. 5, p. 174-186, 2010.

---

Doutor em Filosofia (Universitat Munster)  
Professor de Filosofia (PUCSP)  
E-mail: [mariopor@pucsp.br](mailto:mariopor@pucsp.br)